

# Os Registros Visuais dos viajantes europeus na América Meridional durante o século XVI

## The visual records of European travelers in Southern America throughout the sixteenth century

Lizete Dias de Oliveira

### Resumo

---

O artigo analisa o discurso visual de quatro viajantes europeus, Schmidel, Staden, Léry e Thévet que visitaram a América Espanhola e o Brasil Meridional durante o século XVI. Baseado nos objetos e rituais representados nas imagens oferecidas em suas obras, apresentamos um método de análise estatística que desvia o enfoque de um simples estudo estilístico e sublinha uma visão arqueológica que considera a presença ou a ausência dos artefatos da cultura material representada.

**Palavras-chave:** Imagens, representação, cultura material.

### Abstract

---

The article analyses the visual speech of four European travelers, Schmidel, Staden, Léry and Thévet, who visited the Spanish American and Southern Brazil during the 16<sup>th</sup> century. Based on objects and rituals represented in the images in their books, we present a method of statistical analysis which focuses more on archeological aspects than on stylistic ones. These archeological aspects consider the presence or absence of the artifacts of the material culture represented.

**Key words:** Images, representation, material culture.

Durante o século XVI, vários viajantes europeus registraram através de relatos escritos e imagens suas experiências na América Meridional. Os registros visuais foram, em sua maioria, interpretados como fantasiosos e a importância desses documentos foi conside-

rada apenas como uma narrativa escrita. O presente artigo propõe um método para a análise de discursos visuais, tentando tangenciar o subjetivismo tanto do autor das imagens como do pesquisador. O método de análise fatorial das imagens foi aplicado às gravuras publica-

das por quatro viajantes que chegaram à América Meridional nos primeiros anos após sua descoberta.

É importante notar que a época do descobrimento da América coincide com a invenção e o aperfeiçoamento da imprensa e da gravura. Em 1480, em Sevilha, apareceu o primeiro livro ilustrado. A imagem que pela primeira vez o mundo ocidental pôde reproduzir massivamente, reduzia-se a uma expressão monocromática com uma perspectiva rudimentar. A reprodução mecânica de textos e imagens gravadas constituiu-se em uma revolução da mídia sem precedentes, comparável somente à invenção da fotografia no século XIX ou a revolução da informática que estamos passando atualmente.

Com a invenção da fotografia pela primeira vez conseguiu-se liberar a mão do artista, mas, em contrapartida, ficou-se preso à necessidade de um mundo físico/material para refletir os raios luminosos que imprimem no material fotossensível, o filme e/ou o papel fotográfico.

Com o advento da informática, as imagens digitais acabaram com a necessidade de um mundo físico. O "realismo" criado na fotografia gera-se a partir de fórmulas matemáticas que se transformam em imagens "tão reais" como as imagens fotográficas. Na verdade o que se tem é um retorno à condição pré-fotográfica, onde os artistas clássicos dispensavam o mundo físico/real para produzirem sua arte.

Durante o século XVI o Novo Mundo começou a tomar forma aos olhos dos europeus graças às informações contidas nos relatos escritos dos viajantes e nas imagens gravadas que eram publicadas nos seus livros. As gravuras, desenhadas de memória e, na maior parte das vezes, feitas por outras pessoas que recebiam as informações dos autores, foram vistas como uma espécie de "retratos de viagem", assim como hoje as fotografias que trazemos das praias ou montanhas onde passamos nossas férias.

Foi justamente este caráter representativo das gravuras, seu "pseudo-realismo", que levou os pesquisadores a não considerá-las documentos. Por serem suficientemente figurativas, elas foram tomadas como "retratos", passando a portarem todas as expectativas tau-

tológicas que impomos à fotografia: representar o que foi visto. Por outro lado, por serem estilizadas - pouco realistas -, notava-se facilmente que estas mesmas gravuras não eram representativas com fidelidade estas sociedades. Assim, os pesquisadores utilizaram as narrativas de viagens como documentos, mas continuaram descrentes diante das imagens produzidas a partir destes relatos. Diferentemente dos textos, as gravuras nunca foram consideradas como uma forma de linguagem, mas são tão importantes e contêm dados tão confiáveis quanto os símbolos escritos. Acreditamos que estes documentos visuais devem ser tão respeitados e validados quanto os escritos merecendo a mesma atenção. É sua importância que propomos resgatar neste estudo.

As gravuras oferecidas pelos viajantes oferecem dois níveis de análise. O primeiro nível compreende as informações sobre os indígenas da América do Sul; o segundo, o discurso dos viajantes a partir de suas experiências.

As informações relativas aos indígenas contidas nestas imagens são importantes pois os primeiros europeus chegados na América não conheciam a língua indígena. Eles comunicavam-se através de gestos, de objetos, de imagens ou, no melhor dos casos, com a ajuda de intérpretes.

Por outro lado, deve-se igualmente considerar que as imagens realizadas pelos viajantes, fazem conhecer o seu olhar. Nós podemos efetuar uma análise do discurso destes autores através das cenas e dos objetos que eles viram durante sua permanência. De fato, a imagem, determinante no processo de comunicação, não tem necessidade de um intérprete.

Sempre lastimamos a ausência de um método apropriado que leve em conta a especificidade do estudo das imagens. Constatamos que sempre existiu uma dupla carga de subjetividade no seu estudo: por um lado a subjetividade de quem criou a imagem, e, por outro, a subjetividade do pesquisador que a estuda.

A procura de um método analítico que escapasse desta subjetividade levou-nos a produzir uma análise fatorial destas imagens. Esta análise, diferente do comentário estético tradicional e das considerações estilísticas dos historiadores da arte, coloca a classificação a car-

do computador  
acordo com seus

A análise é  
propomos basei  
representados  
obras de quatro  
primeiras produ

- Ulrich St  
alemão que per  
Paraguai. Sua o  
quista del Rio de  
dezesesseis ima  
de 86 a 101 da ta  
mos a seguir.

- Hans St  
meses no Brasil  
rozes e Antropi  
uma imagens, s  
da tabela de da

- Jean de  
maneceu dez  
Histoire d'un  
ta cinco image  
da tabela de da

- André T  
necceu três me  
França escreve  
tarchique, La C  
Thevet Cosmogr  
Pilottage. Essas  
imagens, sintel  
la de dados.

Nossa an  
das imagens e  
permite o trata  
imagens com c  
mas não são ex  
forte probabili  
tados tenham  
notados por d  
ferentes da An  
ritórios do Bra  
te o século XV  
sam pelo filtr  
evidente nas  
Em duas de s  
ce Antarctique  
le (1953), as fo

2 Obra consultada

go do computador que ordena as imagens de acordo com seus atributos.

A análise do discurso visual a qual nos propomos baseia-se nos objetos e nos rituais representados nas imagens oferecidas nas obras de quatro viajantes. Tais imagens são as primeiras produzidas pelos europeus:

- Ulrich Schmidel [1535] foi um soldado alemão que permaneceu durante dois anos no Paraguai. Sua obra intitulada *Relatos de la conquista del Rio de la Plata y Paraguay* apresenta dezesseis imagens, que correspondem as linhas de 86 a 101 da tabela de dados que apresentaremos a seguir.

- Hans Staden [1547] permaneceu nove meses no Brasil. Sua obra intitulada *Nus, Fe-rozes e Antropófagos* apresenta cinquenta e uma imagens, sintetizadas nas linhas de 6 a 56 da tabela de dados.

- Jean de Léry [1557] era calvinista, permaneceu dez meses no Brasil e escreveu a obra *Histoire d'un voyage fait au Brésil*<sup>2</sup> que apresenta cinco imagens, sintetizadas nas linhas 01 a 05 da tabela de dados.

- André Thevet [1558] era católico, permaneceu três meses no Brasil. No seu retorno à França escreveu *Les Singularités de la France Antarctique, La Cosmographie Universelle d'André Thevet Cosmographe du Roi e Le Grand Insulaire et Pilotage*. Essas obras apresentam vinte e nove imagens, sintetizadas nas linhas 57 a 85 da tabela de dados.

Nossa análise consiste na decomposição das imagens em elementos constitutivos, o que permite o tratamento de um grande número de imagens com o mesmo critério. Mesmo se as formas não são exatas, pode-se dizer que existe uma forte probabilidade de que os objetos representados tenham existido, uma vez que eles foram notados por diferentes viajantes, em lugares diferentes da América Meridional - atualmente territórios do Brasil, Paraguai e Argentina - durante o século XVI. Reconhece-se que as formas passam pelo filtro estético da época, característica evidente nas gravuras de Thevet, por exemplo. Em duas de suas obras *Les singularités de la France Antarctique* (1983) e *La Cosmographie universelle* (1953), as formas cerâmicas foram representa-

das de maneira totalmente diferente. Tivemos a oportunidade de observar vários tipos de formas cerâmicas produzidas na França do século XVI, como por exemplo a cerâmica encontrada no Château Thierry. Observa-se que ela é exatamente igual a cerâmica apresentada por Thevet no livro *Les singularités de la France Antarctique*, contudo, sabemos que a forma da cerâmica Tupi não era como a representada nas suas gravuras. É preciso considerar que estas gravuras foram executadas de memória, depois que os viajantes estavam de volta a Europa e, ainda mais, por outras pessoas que se basearam nos seus relatos. Mesmo que a forma não tenha sido representada com precisão, isto não nega que o autor tenha visto potes cerâmicos entre os indígenas, mesmo se retratados com um formato europeu.

Estas quatro obras constituem bases documentais importantes para o estudo da cultura indígena do tronco linguístico Tupiguarani. O primeiro autor relata sobre os Guarani que viviam no interior do continente, no território da atual cidade paraguaia de Assunção. Os outros três autores contam sobre os Tupinambá (Tupi) que habitavam o litoral do Brasil.

## O MÉTODO

A primeira etapa de nosso estudo constituiu-se em colorir cada uma das imagens estudadas, com a finalidade de não deixar escapar nenhum detalhe, pois certos desenhos são bastante confusos. Em seguida, elaboramos uma tabela de presença/ausência com as 101 imagens, formando as linhas e os 38 motivos, formando as colunas. Em um primeiro momento, sem nenhuma análise, sete grupos temáticos impuseram-se:

- Cenas gerais: guerra, alimentação, luto, antropofagia (ligada à guerra), saudação lacrimosa. Estas cinco cenas constituíram as cinco primeiras variáveis;

- Imagens sobre o meio ambiente: fauna, flora e informações topográficas formaram três variáveis;

- Imagens sobre a cultura material indígena: o fogo, as tatuagens, a lâmina de pedra, a

<sup>2</sup>Obra consultada na original.

cerâmica, o boucan, as casas, a rede, e as canoas formaram nove variáveis;

- Cenas sobre a divisão do trabalho: trabalho feminino, mulheres e crianças e o trabalho masculino formaram três variáveis;

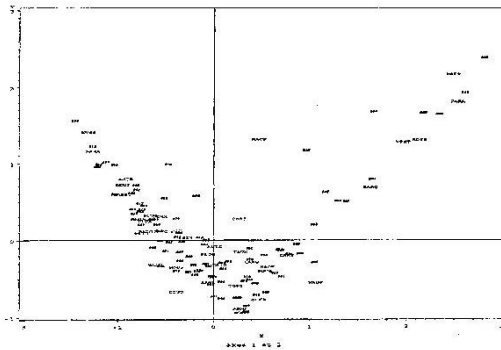
- As imagens dos objetos rituais: maraca, tacape, corda, fumo, bastão de ritmo formaram cinco variáveis;

- Elementos cartográficos: bússola, astrolábio, cartas, peixes voadores, ventos formaram oito variáveis;

- Imagens sobre a cultura européia; aparição dos autores dos relatos, a cruz, a lâmina de ferro, a faca, os naufrágios e as armas de fogo formaram seis variáveis.

Esta tabela de presença/ausência (1/0), foi submetida a análise da correspondência de seus fatores, que distribuiu as 101 imagens e os 38 temas em um gráfico. Este gráfico assumiu uma forma de U, denominado "efeito Gutman", que corresponde a uma seriação.

Gráfico fatorial dos eixos 1 e 2.



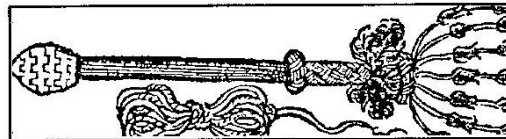
Uma primeira análise sobre o gráfico e as coordenadas, indica que todos as imagens e os atributos podem seguir três divisões, segundo as mesmas associações provenientes do conjunto. A parte esquerda do gráfico, quadrante 1 (zona negativa do eixo 1 e positiva no eixo 2), apresenta uma concentração das cenas tipicamente indígenas, como antropofagia, maraca, etc.. À direita do gráfico, quadrante positivo dos dois eixos, nota-se uma concentração das cenas que possuem relação com a cultura européia, como por exemplo a navegação, as car-

tas, os ventos. Finalmente, sobre a parte negativa do eixo 2 são colocados os atributos dos dois grupos - o que pode ser percebido como a expressão de contato entre as duas culturas.

Com a análise das imagens é possível estabelecer numerosas relações de atração e repulsão entre as variáveis e indivíduos - característica própria da análise fatorial. Para não tornar este estudo pesado aos leitores, analisaremos apenas três exemplos - os mais extremos - e somente no primeiro gráfico, ou seja, somente nos dois primeiros eixos, sabendo-se, contudo, que tal análise admite o estudo em 38 eixos diferentes.

O primeiro exemplo de análise refere-se ao ponto extremo do gráfico, a esquerda: a imagem 009. A variável mais próxima é MUSS (musurana - a corda usada exclusivamente no ritual antropofágico) e, depois, a MARA (maraca). Pode-se observar uma associação entre estes dois objetos, que culminará com a variável ANTRO (antropofagia), localizada um pouco mais a direita. Este deslocamento da variável antropofagia é devido, provavelmente, a atração de outros objetos (variáveis) utilizados neste mesmo ritual, mas que tem também uma utilização cotidiana, como por exemplo a cerâmica (CERA), a rede (HAMA) ou o fogo (FEU).

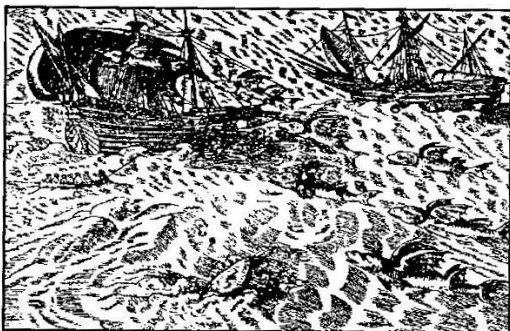
Gravura n° 9 - Hans Staden



Essa gravura corresponde à linha número 9 da tabela de presença/ausência.

Nosso segundo exemplo refere-se a imagem 085. Trata-se do ponto mais distante em relação a média, ou seja, o ponto situado na extremidade direita sobre os dois eixos. Este ponto relaciona-se a variável POIS (peixes voadores - poissons volants). Sobre esta imagem, vários peixes voadores contornam dois navios. Trata-se de uma representação da chegada dos europeus associada a elementos náuticos e cartográficos, que caracterizam todo o quadrante.

### Gravura n° 85 - André Thevet



Essa gravura corresponde à linha número 85 da tabela de presença/ausência.

Nosso terceiro exemplo, escolhido aleatoriamente, é a imagem 088, que encontra-se associada a várias outras imagens e a várias outras variáveis. Esta imagem está associada às variáveis TOPO (topografia) GUER (guerra), ARME (arma indígena), ARMF (arma de fogo), HOMM (trabalho masculino). Ao mesmo tempo, várias outras imagens estão associadas a ela, como por exemplo, a 035, 042, 048. Nota-se que todas estas imagens estão situadas na parte negativa do eixo 2, representando o contato entre indígenas e europeus, que segundo se sabe e estas imagens confirmam, deu-se com extrema violência.

### Gravura n° 88 - Ulrich Schmidel



Essa gravura corresponde à linha número oitenta e oito da tabela de presença/ausência.

Como se pode notar, a análise fatorial das imagens dos relatos dos viajantes europeus do século XVI, evidencia as relações que existem entre os diferentes elementos que constituem as imagens, as quais dificilmente seriam notadas em um primeiro olhar. Estas relações causaram o efeito Guttman, distribuindo-se em um gráfico serial, onde as imagens mais próximas

relacionam-se umas com as outras a partir da atração e repulsão de seus atributos.

Além das relações entre as imagens, pode-se igualmente analisar o discurso dos autores. Constata-se que os quatro viajantes - Léry, Thevet, Staden e Schmidel - atribuem os mesmos elementos e características aos indígenas, mas com diferentes tratamentos nas representações dos traços culturais, sendo que alguns ressaltaram algumas cenas que outros não representaram. Esta diferença reflete a experiência pessoal de cada um.

Podemos notar que três, dos quatro autores -Léry, Thevet e Staden - representaram cenas de antropofagia enquanto que Schmidel não fez nenhuma referência nas suas imagens. Esta diferença de discurso pode ser explicada pelos objetivos que trouxe cada um à América. Sabe-se que Léry e Thevet chegaram com a intenção de cristianizar os selvagens. A antropofagia, desta forma, constituía um excelente pretexto para confirmar a necessidade da conversão, afirmando, desta forma, as características bárbaras dos indígenas.

Entre todos os autores, Staden é aquele que relata a antropofagia com maior detalhe, tanto no seu discurso visual como escrito. Esta obsessão pode ser causada por sua experiência pessoal pois sabemos que ele ficou prisioneiro dos Tupinambás do litoral brasileiro durante nove meses. Neste tempo, a ameaça de tornar-se sujeito do ritual antropofágico deveria ocupar sua atenção constantemente. Seu relato escrito é considerado clássico para o estudo deste ritual, onde chega ao refinamento de transcrever o discurso dos chefes indígenas. Entretanto, sendo o Tupi uma língua de difícil compreensão, é provável que os detalhes do discurso falado que ele transcreve sejam fruto de "livre-interpretação". Chega-se, mais uma vez, a importância da imagem, pois os gestos que ele viu e que foram representados não tem necessidade de passar pela intermediação de tradutores, como no caso da língua falada.

Schmidel viveu no interior do continente, entre os Guarani da região de Asunción. Como soldado, seus contatos com os indígenas foram sempre belicosos. Ele não faz nenhuma alusão detalhada da cultura Guarani ou de outros povos que habitavam a região. Esta ausência de dados poderia vir de sua ex-

periência de soldado. Seu relato trata, principalmente, sobre preocupações logísticas. Nesta época, as armas de fogo, os cavalos e todo o aparato europeu de guerra ainda provocavam grande medo entre os habitantes do Novo Mundo. As imagens do soldado Schmidel são sempre colocadas nas coordenadas negativas dos eixos 1 e 2, o que mostra que o contato entre os indígenas e os europeus foi geralmente marcado pela hostilidade. Sobre o gráfico podemos notar que suas imagens estão sempre relacionadas com a guerra, as armas indígenas e as armas européias.

Jean de Léry, ao contrário de Schmidel, representa somente cenas de boas vindas ou da vida cotidiana dos indígenas. Ele ficou dez meses no Brasil, mas não esteve nunca em situação de perigo e, além do mais, foi sempre assistido por um tradutor.

Gravura nº 7 - Jean de Léry



Essa gravura corresponde à linha número sete da tabela de presença/ausência.

Staden e Thevet materializam a presença européia a partir de um ângulo totalmente diferente, principalmente topográfico e cartográfico. Se André Thevet como cartógrafo oficial do rei, veio para a América para descrever o país, as preocupações topográficas de Staden eram sempre ligadas a necessidade de localizar-se no espaço físico. *Ele estava eterna-*

mente esperando o melhor momento de fugir e escapar de seu horrível destino.

Finalmente, queremos sublinhar uma aparente incoerência entre os resultados da análise fatorial e os relatos dos viajantes. Trata-se da introdução da faca (COUT-couteau) na cultura indígena. À primeira vista, pode-se afirmar que este objeto pertencia a esta cultura, pois é a ela que aparece associada. Contudo, sabemos que nas trocas com os europeus, os objetos em ferro, principalmente as facas e as lâminas de machado, eram sempre os preferidos pelos nativos. É precisamente esta escolha que pode explicar sua atração em direção aos valores das coordenadas próximas à cultura indígena.

A análise fatorial das imagens dos viajantes europeus chegados à América Meridional durante o século XVI ao mesmo tempo que nos oferece informações sobre os objetos e cenas vistos e presenciados por esses viajantes, oferece uma análise do discurso desses mesmos viajantes e salienta o subjetivismo de cada um deles, provenientes de suas próprias vivências e motivações. Mesmo aparentes enganos na análise, como o caso da faca, antes referido, evidenciam situações anteriores ao contato físico e, por vezes, antes mesmo do contato visual. Isto nos leva a reafirmar a importância da cultura material, pois por intermédio dos objetos as duas culturas travaram os primeiros contatos. Se os europeus viram os indígenas da América com facas européias, é porque os objetos viajavam mais rapidamente que os próprios homens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DJINDJIAN, François. *Méthodes pour l'archéologie*. Paris: Armand Colin, 1991.
- DE LÉRY, Jean. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Montpellier: Edition Frank Lestrigant, 1992.
- GAULIER, Patricia. *Du Teko-há à la Réduction Jésuite, trajectoire Guarani, du XVI<sup>o</sup> au XVIII<sup>o</sup> siècles*. Lille: Septentrion, 1998.

mento de fugir e  
linhar uma apa-  
dos da análise  
tes. Trata-se da  
eau) na cultura  
se afirmar que  
ura, pois é a ela  
o, sabemos que  
objetos em fer-  
laminas de ma-  
dos pelos nati-  
que pode ex-  
aos valores das  
indígena.  
gens dos via-  
érica Meridio-  
mo tempo que  
os objetos e ce-  
esses viajantes,  
so desses mes-  
ativismo de cada  
as próprias vi-  
parentes enga-  
a face, antes refe-  
teriores ao con-  
mo do conta-  
ar a importân-  
intermédio dos  
os primeiros  
os indígenas  
as, é porque os  
ente que os pró-

## DIAS FICAS

Méthodes pour  
and Colin, 1991.  
voyage fait en la  
Edition Frank  
há à la Réducti-  
Guarani, du XVI<sup>e</sup> au  
Septentrion, 1998.

- OLIVEIRA, Lizete Dias de. *Les Réductions Guarani de la Province Jésuite du Paraguay - étude historique et sémiotique*. Lille: Septentrion, 1999.
- PEIRCE, Charles. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- SCHMIDL, Ulrich. *Derrotero y viaje al Rio de la Plata y Paraguay*. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1944.
- STADEN, Hans. *Nus, Féroces et Anthropofages*. Paris: Ed. Métaillé, 1979.
- THEVET, André. *Les français en Amérique,*

pendant la deuxième moitié du XVI<sup>e</sup> siècle. Paris: PUF, 1953.

\_\_\_\_\_. *La Cosmographie Universelle d'André Thevet Cosmographe du roi. Le Grand Insulaire et pilotage. Histoire d'André Thevet Augousmoisin, Cosmographe du Roi, de deux voyages par lui faits aux Indes Australes et Occidentales*. Paris: Presses Universitaires, 1953.

\_\_\_\_\_. *Singularités de la Frande Antarctique*. Paris: Presses Universitaires, 1953.